



INDIVIDUALISMO, RAZÃO INSTRUMENTAL E A PERDA DA LIBERDADE: OS “MAL-ESTARES” MODERNOS QUE IMPEDEM A AUTENTICIDADE NA COMPREENSÃO DE CHARLES TAYLOR

Jean Rodrigo Pinheiro*

Daniel Soares das Chagas**

Resumo: O presente artigo apresenta o desenvolvimento da busca pela autenticidade humana, trabalhada pelo filósofo canadense Charles Taylor, através das preocupações da civilização moderna, chamadas pelo autor de “Mal-estares”, os quais apresentam um declínio humano na história. Nas últimas décadas, desde a Segunda Guerra Mundial, a humanidade vem passando por um momento de declínio, ao invés do desenvolvimento. Este declínio vem a reduzir o conceito de autenticidade humana, pois impede o homem de atingir o seu ser mais verdadeiro e completo. Estes “mal-estares”, ou ainda, as preocupações de Charles Taylor, não constatadas por ele mas muito discutidas hoje, são o Individualismo, a elevação da instrumentalização da razão e, como consequência destas duas primeiras, a perda da liberdade. Assim, Taylor argumenta sobre as causas de haver um declínio na civilização, se pode ser razão de um excesso de ordens hierárquicas, metafísica e ordens sagradas, fazendo com que a civilização tenha certo repúdio a estas “conquistas”, ou ainda pela má compreensão delas, com o “desencantamento” do mundo.

Palavras-chave: Autenticidade. Individualismo. Decadência. Liberdade. Razão.

Introdução

Charles Taylor, nascido aos cinco de novembro de 1931, é um filósofo canadense conhecido por suas grandes contribuições na área da política, enquanto desenvolve a defesa de uma sociedade comunitarista, e, ainda, grandes contribuições acerca do *self* e a dinâmica de sua autenticidade, com a argumentação de uma vontade de reconhecimento, voltado às áreas das relações humanas e da política, e a cultura do narcisismo, como decadência da sociedade moderna. Este artigo pretende expor as ideias centrais acerca dos “mal-estares”

* Acadêmico do 6º semestre do curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: jean.rodriigo.p@hotmail.com

** Acadêmico do 6º semestre do curso de Licenciatura em Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS. E-mail: daniel-chagas_72@hotmail.com

modernos, que impossibilitam a busca pela autenticidade humana, ou seja, um ideal de ser humano capaz do bem agir, capaz de buscar o Bem.

Nesta busca pelo bem, ou ainda, pela autenticidade que o ser humano possui, mesmo que muitas vezes sem perceber, como um ideal de ser humano, Taylor exprime a perda, ou declínio, em nossa civilização, os “Três Mal-estares” dos quais, mesmo que muitas vezes compreende-se como um ganho para a realização do indivíduo moderno, acaba por ser um declínio numa sociedade em processo de desenvolvimento. Estes “Mal-estares”, o autor expõe como fontes de preocupação para a realização de uma autoconsciência de ideal humano, ou autenticidade.

Ser fiel a mim significa ser fiel a minha própria originalidade, e isso é uma coisa que só eu posso articular e descobrir. Ao articular isso eu também me defino. Estou realizando uma potencialidade que é propriamente minha. Esta é uma compreensão por trás do ideal moderno de autenticidade e dos objetivos de autorrealização e autossatisfação nos quais são usualmente expressos. Esse é o pano de fundo que confere força moral a cultura da autenticidade, incluindo suas formas mais degradadas, absurdas ou triviais (TAYLOR, 2011, p 39).

Na busca por esse ideal de ser humano autêntico, os males que nos impedem de desenvolver uma autorrealização condensam-se basicamente na constatação de um individualismo aguçado, que força o desejo narcisista de reconhecimento, também, sendo este impulso narcisista, as pessoas tendem a usar uma razão instrumentalizada, na qual afirmam as suas relações humanas em ‘custo/benefício’, e em tudo isso, a perda da liberdade é a resposta final, que, analogicamente representando, as pessoas trancam-se em uma ‘jaula de ferro’ do seu próprio *self*, isto é, a ideia de ‘eu’, de ‘identidade’, omitindo adentrar-se no mundo real do convívio com a sociedade.

Estes, então, são os três mal-estares modernos de que quero tratar neste livro. O primeiro medo é sobre o que poderíamos chamar de perda do significado, o enfraquecimento dos horizontes morais. O segundo diz respeito ao eclipse dos propósitos diante da disseminação da razão instrumental. E o terceiro é sobre a perda da liberdade (TAYLOR, 2011, p. 19).

Com isso, dá-se início a apresentação dos três “mal-estares” modernos que influenciam a não realização de um ideal humano, autenticidade.

1 Primeiro mal-estar: o Individualismo

Com a primazia do homem enquanto ser racional na modernidade, Taylor preocupa-se com os impactos sociais e relacionais, que este pensamento introduz no contexto contemporâneo. A problemática do individualismo, que muitos são os que pensam ser a conquista do homem moderno, exalta certa obscuridade de relações, da qual diz-se desencadear um retrocesso no desenvolvimento humano.

Pode-se observar que, no decorrer da história, o homem esteve atrelado a papéis sociais, ou ainda, a classes sociais que o mantinha atento a autenticidade enquanto cumprimento do seu papel social. Neste sentido, o ditado popular ‘filho de peixe, peixinho é’ autentifica o ser enquanto ocupa o lugar na sociedade. Sendo que, filhos de nobres, nobres seriam, filhos de camponeses, camponeses seriam. Este sistema fez com que o homem descreditasse no seu próprio potencial de ser, esquecendo, assim, a capacidade de autoconhecimento e busca de si mesmo enquanto realização pessoal. Mas aí está o problema. A realização do ser como identidade, enquanto seres voltados a um convívio social, vai além da autorrealização. Claro que parte do autoconhecimento, mas o desejo é a busca por algo maior, que o faz elevar o próprio ser, significando-se na sociedade.

Tal perda de propósito [desejo de algo maior] estava ligada a um estreitamento. As pessoas perderam a visão mais abrangente porque se centraram na vida individual. [...] O lado sombrio do individualismo é o centrar-se em si mesmo, que tanto nivela quanto restringe nossa vida, tornando-a mais pobre em significado e menos preocupada com os outros na sociedade (TAYLOR, 2011, p.13–14).

Nota-se, agora, o importante papel da alteridade na vivência social, como forma de romper com o processo individualizante. Mas o mal que a individualidade concede não está ligado à capacidade de escolher, que cada indivíduo possui e nem na certeza de ser único, mas sim às escolhas que o tornam individualista, rompendo com o seu papel social. Sendo assim, desencadeiam-se vários fatores que inviabilizam o convívio na sociedade. Um destes fatores é o relativismo quanto ao jargão: ‘cuide de sua vida que eu cuido da minha’. “O relativismo é em si uma ramificação de uma forma de individualismo” (TAYLOR, 2011, p. 23), pois, com a grande necessidade de cada um fazer o que bem entende, a autorrealização torna-se uma postura individualista e relativa a cada pensamento isolado.

Todo mundo tem o direito de desenvolver a própria maneira de viver, fundamentada no próprio sentido do que é realmente importante ou de valor. As pessoas são convocadas a serem verdadeiras consigo mesmas e a buscar a própria autorrealização, em que isso consiste, cada um deve, em última instância, determinar por si mesmo. Nenhum outro pode ou deve tentar ditar seu conteúdo (TAYLOR, 2011, p. 24).

Neste sentido, o autor quer colocar o homem, não como um indivíduo que se realiza em plenas ações consigo mesmo, isolado, individualizado (ante), mas dotado de capacidade social, sabendo que o sentido de seu viver não está apenas em si mesmo, mas nas relações sociais. Ora, o que seria do homem sem suas relações sociais?

Se por um lado deve-se partir do autoconhecimento¹ para a realização pessoal, por outro lado necessita-se encontrar, dentro deste processo de autoconhecimento, a participação de algo maior, um bem comum, ou, na visão de Taylor, a autenticidade natural² do homem.

Taylor sustenta que as pessoas costumavam se ver como parte de uma ordem maior. Essa ordem dava significado ao mundo, e as coisas que nos circundavam não eram apenas pensadas como matéria-prima. Diz o autor que, há pelo menos dois séculos, vêm se debatendo sobre isso, sobre a falta de sensação que as pessoas têm de haver algo maior, algo pelo qual valha a pena morrer. Taylor afirma que o individualismo acaba por gerar o que denomina “desencantamento do mundo”; a ordem maior perdeu seu encanto (BELTRAMI, 2012, p. 231).

Se a perda do encantamento pela vida, ou da dimensão heroica, como afirma Taylor, nos isola da autenticidade, o ser humano precisa necessariamente romper com o processo individualista para conseguir buscar o que, do homem, é natural.

Ainda, se por um lado as doutrinas que antes “sacrificavam o homem às demandas de ordens supostamente sagradas” (TAYLOR, 2011, p. 12) que são repudiadas por muitos³, por outro lado vemos, nelas, um elo que fazia com que o homem encontrasse um desejo de transcender, encantando-se ao ocupar seu lugar dentro de um todo maior organizado. Se este tipo de pensamento é ilusório, ou coloca o homem à beira de um precipício existencial, vale a pena investigar. Porém, encontrando o seu lugar, e dando sentido a sua existência, a autenticidade humana ganha maior significado dentro de uma conquista interior de seu *self* ao encontrar-se com o mundo.

2 Segundo mal-estar: a razão instrumental

Um pensamento individualista juntamente com a perda do encanto pelo mundo abre espaço ao segundo mal-estar observado por Charles Taylor, que é a decadência social pautada sobre uma *razão instrumental*. “Por ‘razão instrumental’ quero dizer o tipo de racionalidade em que nos baseamos ao calcular a aplicação mais econômica dos meios para determinado

¹ O autoconhecimento enquanto busca pela autenticidade. Este chega ao ideal autêntico de ser humano.

² A *autenticidade natural* vai ao encontro do pensamento agostiniano, que quer encontrar Deus dentro do próprio ser, descobrindo-se num processo de autoconsciência.

³ Vê-se grandes discursos contra a metafísica tradicional e a religião, como fontes de afastamento do homem de si mesmo, ou, opressão na qual rege uma *moral de rebanho*. Em Nietzsche encontramos muito forte esta crítica.

fim. Eficácia máxima, a melhor relação custo-benefício, é sua medida de sucesso” (TAYLOR, 2011, p. 14).

Com o processo da revolução industrial, o ser humano acostumou-se a enfrentar as coisas como matérias-primas, potencializadas numa mão de obra para um produto final. O problema encontrado por Taylor é que quando coloca-se a relação custo-benefício nas relações sociais, reduz-se as pessoas, com a qual convivem, a um simples objeto. Esta relação faz do sujeito um potencial “matéria-prima” para um produto final. Assim, a sociedade comporta-se de maneira a relacionar-se por interesse e não mais pelo bem maior da autenticidade.

O critério que doravante se aplica é o da razão instrumental. De maneira similar, uma vez que as criaturas que nos cercam perdem o significado que lhes foi atribuído de acordo com seu lugar na cadeia dos seres, elas podem ser tratadas como matéria-prima ou instrumentos para nossos projetos. (TAYLOR, 2011, p. 14)

Pode-se pensar que, de certa forma, o homem vem se acostumando, ou melhor, se acomodando, a viver de maneira mais fácil e, de preferência, descartável. Vê-se, desse modo, ao analisar a crescente demanda de produtos descartáveis, eletrônicos, produtos que rapidamente perdem o seu caráter de moderno ou necessário. E se a análise for para o campo das tecnologias, nota-se que há um grande pensamento acerca das necessidades tecnológicas. A grande demanda de novos produtos infere ao homem uma necessidade de consumo, seja para suprir certa carência emocional, ou ainda para manter o *status* social.

Desta forma, o consumismo entra com toda a força no perfil do homem moderno. “Essa sensação de ameaça é aumentada pelo conhecimento de que tal primazia não é apenas uma questão de uma orientação talvez inconsciente para a qual somos estimulados e atraídos pela era moderna” (TAYLOR, 2011, p. 17). A necessidade de um bem maior vem, novamente, apontando para a saída da instrumentalização da razão. Ora, se há uma coerência de persuasão, a capacidade de firmar-se no seu ideal autêntico é o que corresponde aos nossos primeiros passos de liberdade. Mas esta liberdade, como a de verdadeiros humanos despojados de ilusões consumistas e/ou dependências descartáveis, voltados ao viver comum e a realização pessoal do ser.

“Não queremos exagerar nossos graus de liberdade. Mas eles não são nulos. E isso significa que entender as fontes morais de nossa civilização pode fazer a diferença, a medida em que pode contribuir para um novo entendimento comum” (TAYLOR, 2011, p. 101).

Assim afirma o autor que, através da análise da *Jaula de ferro*⁴, o homem não se encontra preso ou dependente de tais forças instrumentalistas do mundo. O homem é capaz de adquirir sua liberdade ao romper com estas forças. Já que não é possível reduzi-lo a tais parâmetros de sustentação vivencial. Dizer que há uma prisão é, de certa forma, um erro. O que está acontecendo é um declive nas fontes morais humanas, sendo que, estas fontes morais, são distorcidas com culturas impostas de instrumentalização de ações, desejos e necessidades, colocando o homem à beira dum esgotamento de ideais de autenticidade.

A consequência disso, para Taylor, é “uma cultura do narcisismo” e do individualismo de autorrealização, onde há negligência com relação a restrições externas, sejam elas históricas, sejam elas sociais e naturais, que se entendam prejudiciais à autorrealização, bem como a significativa amplitude com que se dispensam essas causas externas prejudiciais, com a conseqüente centralização na realização do indivíduo. Ocorre, aqui, um *atomismo* social. Tem-se, então, uma forma de individualismo de autorrealização e uma instrumentalização da razão. Taylor sustenta estarem ligadas a um sentimento de “nós mesmos”, como razão potencialmente desengajada, puro intelecto, de pensamento autônomo e autogerador (BELTRAMI, 2012, p. 232).

Como consequência destes dois primeiros mal-estares, Taylor elenca um terceiro, que vem a ser como um agente enganador em nossa própria consciência de si, enquanto atentos a questões que nos ligam ao mundo, somos enganados por pensamentos que vinculam nossa necessidade utilitarista à consciência de liberdade. Por isso há uma perda do ideal de liberdade, o qual gera a necessidade do reconhecimento, tanto pessoal, quanto social.

3 Terceiro Mal-estar: a perda da liberdade

Com uma razão instrumentalizada e um grande individualismo, têm-se temidas conseqüências na área da política, o qual vai ao encontro da perda de liberdade. Num processo individualista, acomodado pela mecanização do pensamento, a capacidade de escolher aquilo que lhe é realmente necessário para o seu bem-estar, ou, simplesmente para a vida, torna-se algo como influenciado diretamente pelo sistema. As pessoas perdem a capacidade de uma deliberação acerca das ações humanas. Os pilares morais agem moderadamente como leis fúteis, desinteressando o sentido ético que possui por bagagem.

Se há algo que nos impulsiona e não vem de nós mesmos, ou, se agimos de acordo com o que o sistema nos faz agir, sem uma capacidade de pensamento acerca das ações, temos o ideal de autenticidade rompido pelo medo de ser e buscar a verdade.

⁴ Teoria elaborada por Max Weber para explicar o aprisionamento do homem moderno às suas necessidades tecnológicas.

[...] as estruturas e instituições da sociedade industrial tecnológicas restringem severamente nossas escolhas, que elas forçam tanto as sociedades quanto os indivíduos a atribuir um peso a razão instrumental que, em uma deliberação muito séria, nós jamais atribuiríamos, e que pode ser até altamente destrutiva (TAYLOR, 2011, p. 18).

Neste sentido somos inundados pelo sistema industrializado a pensar de acordo com os parâmetros do custo-benefício. “A sociedade estruturada em torno da razão instrumental pode ser vista como impondo uma grande perda de liberdade no indivíduo e no grupo – porque não são somente nossas decisões sociais que são moldadas por essas forças” (TAYLOR, 2011, p. 18). Há uma bagagem estrutural que também nos coloca voltados contra a uma inclinação natural, onde o ser humano é capaz de realizar as suas escolhas sem processos de influências mecanizadas. Basta apenas voltar os olhos às construções de nossas cidades, exigindo um transporte, seja público ou particular, ou ainda, o uso quase que necessário de internet tanto nas relações empresariais quanto nas relações humanas de construção afetiva.

Além deste sentimento de incapacidade de escolha, Taylor observa que o homem está se afundando, como um processo político, num regime que torna o governo uma ‘babá’ de seus cidadãos. Isso é a causa do que anteriormente foi discutido acerca do consumismo. De fato as tecnologias vêm proporcionando um bem estar social. O problema é que este bem estar gera um comodismo⁵.

Na visão de Christopher Lasch⁶, filósofo que influenciou o pensamento de Charles Taylor, há uma cultura de massa (herança da revolução industrial) que atentam ao consumo cômodo o qual impede a autoconfiança e, na linguagem de Taylor, a autenticidade:

Os arranjos sociais que sustentam um sistema de produção em massa e o consumo de massa tendem a desencorajar a iniciativa e a autoconfiança e a incentivar a dependência, a passividade e o estado de espírito do espectador, tanto no trabalho como no lazer. O consumismo é apenas a outra faceta da degradação do trabalho – a eliminação da diversão e da habilidade artesanal do processo de produção. (LASCH, 1986, p. 19)

Também com a influência de Alexis de Tocqueville⁷, Taylor argumenta acerca do sistema de governo pautado no despotismo⁸, do qual têm-se regulado por um governo *moderado e paternalista*. Sendo assim, o governo é aquele que simplesmente atende as

⁵ Diria Alexis de Tocqueville: indivíduo “fechado em seu próprio coração”. (TAYLOR, 2011, p. 18).

⁶ Historiador norte-americano, moralista e crítico social.

⁷ Visconde de Tocqueville, dito Alexis de Tocqueville foi um pensador político, historiador e escritor francês. Tornou-se célebre por suas análises da Revolução Francesa.

⁸ Sistema de governo fundado no poder de dominação sem freios (FERREIRA, 1988).

necessidades básicas do povo, com interesse apenas no poder, já que o que realmente o seu povo quer é a sustentação cômoda de suas necessidades.

Talvez algo como essa alienação da esfera pública e a consequente perda do controle político estejam acontecendo em nosso mundo altamente centralizado e politizado. [...] se é assim, o que corremos o risco de perder é o controle político de nosso destino, algo que poderíamos exercer em comum como cidadãos. É isso que Tocqueville chama de “liberdade política”. O que está ameaçada aqui é nossa dignidade como cidadãos (TAYLOR, 2011, p.19).

Se o governo, voltado ao sistema paternalista, tem a necessidade de inferir no pensamento do homem a razão de viver dependente de toda e qualquer força de vontade da parte do sistema dominante, a forma autêntica de ser tem total perda de sentido, excluindo, dessa forma, a liberdade de agir, enquanto ser capaz de escolhas que o eleve ao modo maior de sobrevivência.

O modelo paternalista, voltado ao individualismo e à consequente tutela, tem como paradigma a supressão da liberdade, a ponto de tolher graus de liberdade do cidadão. Ao se estruturar nos moldes do individualismo e da razão instrumental, o sistema governamental paternalista promove os meios de desfrute da vida privada com a contrapartida de suprimir a liberdade de escolhas diferentes desse sistema de fruição da vida privada (BELTRAMI, 2012, p. 233).

Como principal via de saída para uma liberdade e busca pela autenticidade, Taylor propõe uma ideal de identidade, o qual faz com que o ser, pelo processo de exame de escolhas, sendo auto escolha ou classificação do que o é importante, alcance o seu ser maior. Mas isso depende da necessidade de existência voltada às ideais de valores, demandados da natureza humana, sendo atrelada a algo de divino que possa transcender o homem. Apenas neste modo encontra-se a liberdade com a qual a autenticidade se torna algo possível e alcançável.

Conclusão

Após a análise de cada mal-estar constatado na sociedade moderna, pode-se encontrar dois grandes resultados, os quais são tratados nas obras: *Argumentos Filosóficos* e *As Fontes do Self: A construção da identidade moderna*. Nestas obras encontram-se razões fundamentais das quais o homem moderno age perante o convívio social. A primeira requer uma necessidade de reconhecimento: “A tese é de que nossa identidade é moldada em parte pelo reconhecimento ou por sua ausência.” (TAYLOR, 2000. p. 241). Com essa perspectiva, o homem vivendo de forma individualista, dentro de um sistema de governo paternalista e

pensando instrumentalmente, deseja ardentemente o reconhecimento para que possa achar um sentido de vida. Pode-se perguntar se então este não é o ideal moral. Mas Taylor afirma que devemos reconectar nosso sentido de existência a um ideal moral que nos transcende, e que esteja fora do campo imanente, ou seja, que é terreno, desprovido de sobrenaturalidade e transcendência. Mas, acima de tudo, saber que o homem é dotado de pontos que o eleva e que o degradam:

Contudo, para comprometer-se efetivamente nesse debate multifacetado, é preciso ver o que é bom na cultura da modernidade, assim como o que é superficial ou perigoso. Como Pascal disse sobre os seres humanos, a modernidade é caracterizada pela *grandeur* tanto quanto pela *misère*. Apenas uma visão que abarque ambas pode nos dar um *insight* não distorcido para nossa época e que precisamos elevar aos seus maiores desafios (TAYLOR, 2011, p. 119).

Com o olhar para o ser humano como um todo, que busca sua autenticidade, a qual ganha sentido num exame interior em contato com aquilo que está à sua volta e o transcende, encerra Taylor recolocando o homem em contato com sua existência, o qual foi deslocado por processos que o fazem ator coadjuvante, ao invés de ator e construtor de sua própria história.

Referências

BELTRAMI, Fábio; TAYLOR, Charles. A ética da autenticidade. **Revista Conjectura**, Caxias do Sul, v. 17, n. 1, Jan/abr. 2012.

CAMATI, Odair; TAYLOR, Charles. Uma era secular. **Revista Conjectura**, Caxias do Sul, V. 18, n. 3, Set/dez. 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

LASCH, Christopher. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. Tradução de João Roberto Martins Filho. Ed Brasiliense. Brasília, 1986.

TAYLOR, Charles. **A Ética da Autenticidade**. Tradução de Talyta Carvalho. São Paulo: É Realizações, 2011.

_____. **As fontes do Self: a construção da identidade moderna**. Tradução de Adail U. Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

_____. **Argumentos Filosóficos**. Tradução de Adil Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 2000.